

# Mesas do Castelinho (Almodôvar): uma aldeia amuralhada na paisagem da Idade do Ferro do Baixo Alentejo

*Susana Estrela*

## **Resumo**

Em finais do século V a.C. é fundado, numa paisagem marcadamente interior, com fracas aptidões naturais e na fronteira entre os contrafortes da Serra do Caldeirão e a peneplanície alentejana, o povoado de Mesas do Castelinho (Almodôvar).

Aparentemente, o local rompe com as antigas formas de povoamento conhecidas para a região, estruturado num aglomerado que pode ser interpretado como uma aldeia. O seu desenho urbano é definido pelas muralhas e pelos espaços interiores que reflectem as actividades proporcionadas pela paisagem envolvente: pecuária, agricultura e caça. Dissimulado na paisagem e junto a uma rota natural de circulação de pessoas e bens, define um importante papel na partilha dos artigos produzidos local e regionalmente, de que as cerâmicas com matrizes impressas são o melhor exemplo.

A ruralidade reflecte-se ainda na pouca expressão dos artigos importados desde paragens litorais, ainda assim demonstrando uma ausência de rupturas nos circuitos da sua distribuição pelo interior.

Estes sinais de continuidade prolongam-se até ao século II a.C., quando o registo material revela dos mais precoces contactos com o mundo romano conhecidos até ao momento para a região, com uma população que mantém as suas vivências intrinsecamente rurais, num povoado que já não utiliza a fortificação como perímetro e que constrói novos espaços habitacionais e de trabalho sobre as suas muralhas.

#### **Palavras-chave**

II Idade do Ferro, Baixo Alentejo, Cultura material, Povoamento, Estratigrafia, Continuidade

#### **Abstract**

*In the late 5th century B.C. it is founded, in a well marked interior and few natural abilities landscape, in the frontier between the hillforts of the Serra do Caldeirão and the Alentejo Plains, the site of Mesas do Castelinho (Almodôvar, Baixo Alentejo, Portugal).*

*Apparently, it breaks up with the regional ancient settlement traditions, structured along a place that can be interpreted as a village. Its urban plan is defined by the ramparts and the inner spaces that reflect the activities on hand in the immediate setting: livestock, agriculture and hunting.*

*Hidden in the landscape and near a natural route of goods and people, it plays an important role in the sharing of the local and regional objects, of which the matrix-imprinted ceramics are the best example.*

*The rural way of living is also reflected in the scarce expression of the items imported from the littoral, nonetheless demonstrating an absence in the burst of its circulation in the interior.*

*These signs of stability spread out until the Second century B.C., when the material culture reveals one of the more ancient contacts with the Roman world known until our days in the region, with a population that maintains its intrinsically rustic ways of living, in a site which no longer uses its fortified*

*perimeter and that constructs new habitations and workspaces over its ramparts.*

#### **Keywords**

*2nd Iron Age, Baixo Alentejo, Material culture, Settlement, Stratigraphy, Stability*

#### **Introdução**

O presente artigo surge na sequência de um convite endereçado pela Associação dos Arqueólogos Portugueses à signatária que, no âmbito da obtenção do grau de Mestre, é autora da dissertação *Os Níveis Fundacionais da Idade do Ferro de Mesas do Castelinho (Almodôvar). Os Contextos Arqueológicos na (Re) Construção do Povoado*, tese orientada pelo Professor Doutor Carlos Fabião. As linhas seguintes procuram apresentar resumidamente os principais resultados daquele trabalho académico (entretanto alvo de revisão) e em grande medida explanados na comunicação apresentada em Maio de 2012 na sede desta agremiação já centenária.

O sítio arqueológico de Mesas do Castelinho está classificado desde 1990 como Imóvel de Interesse Público, em boa parte devido aos importantes vestígios da Idade do Ferro que nele foram identificados. É alvo, há mais de duas décadas, de um projecto encabeçado por Carlos Fabião e Amílcar Guerra. Ao longo destes anos, foi possível aferir a presença de uma ocupação da chamada II Idade do Ferro, com um povoado fundado nos finais do século V a.C. e continuamente ocupado até os inícios do século II d.C., altura em que é abandonado. Mais tarde, entre os séculos IX e XI-XII, a presença de uma fortificação omniada torna-se a razão de ser de parte da denominação do sítio. A outra parte da designação do sítio decorre da dispersão dos vestígios por duas plataformas que totalizam uma área com perto de 4 hectares: uma superior, de planta arredondada (Plataforma A) e uma inferior com contornos trapezoidais (Plataforma B).

Os primeiros relatos sobre o sítio podem ser encontrados nos finais do século XIX, mas os conhecimentos acerca das suas ocupações permanecerão difusos até aos finais do ano de 1986, quando uma destruição massiva de parte dos seus vestígios promove trabalhos arqueológicos de salvamento a



**Fig. 1** Localização de Mesas do Castelinho (fonte: Google Earth, escala alterada)

cargo de Carlos Jorge Ferreira (1992, 1994). O historial mais pormenorizado das investigações no local pode ser consultado noutros locais (e.g., Fabião e Guerra, 2008, p. 92-93; Estrela, 2010, p. 5-8). Por agora interessa reter a noção de que serão os trabalhos desenvolvidos primeiro por Carlos Jorge Ferreira e desde 1988 por Carlos Fabião e Amílcar Guerra que impulsionam uma caracterização rigorosa das diferentes diacronias das ocupações de Mesas do Castelinho, um dos mais relevantes sítios arqueológicos do Sul do actual território português para o conhecimento da II Idade do Ferro.

#### **Enquadramento**

O sítio arqueológico de Mesas do Castelinho (Santa Clara-a-Nova, Almodôvar, Beja) localiza-se numa fronteira geográfica, entre os relevos ondulados e pouco marcados dos campos de Ourique, limites meridionais da peneplanície poligénica alentejana e os contrafortes setentrionais da Serra do Caldeirão. A percepção da distinção entre as duas unidades geográficas é bem visível no local, com a marca da fronteira na Ribeira de Mora que corre pelo seu flanco Norte e que vai desaguar no Rio Mira, mais a Oeste (V. fig. 1).

Encontra-se implantado num ponto relativamente alto mas de fraco domínio territorial para os lados de Sul, com elevações superiores a Sudoeste e Sudeste e com visibilidade apenas para os lados da planície, para Noroeste e Nordeste, condições estas que propiciam um controlo de vias ou o seu funcionamento como um ponto de defesa. As duas unidades geográficas contribuem para a dissimulação do povoado na paisagem. As construções humanas que desenharam o perímetro amesetado do sítio arqueológico só se notam à chegada ao local, sobretudo pelo lado de Sul. Pelo lado de Norte, os taludes são mais imponentes, na aproximação à linha de água.

Na actualidade, os solos, xistosos e com pouca espessura e extremamente pobres apenas permitem uma agricultura de sequeiro, a exploração hortícola nos aluviões das linhas de água e alguma pecuária incipiente. Mas os dados conhecidos sobre o paleoambiente de Mesas do Castelinho revelam um quadro natural mais húmido e verde, com mais pastagens e áreas florestadas que permanecem até bem entrado o século XIII, atendendo às referências presentes em fontes escritas que mencionam a existência da Mata de Almodôvar.

Os mais recentes estudos efectuados sobre os restos faunísticos de Mesas do Castelinho revelam uma dieta alimentar dos níveis da Idade do Ferro composta por grandes bovinos, ovicaprinos (ovelhas e cabras), suídeos e cervídeos.

Os veados associam-se facilmente a actividades cinegéticas, destinados ao consumo da carne e não apenas à recolha das suas hastes, usadas em actividades artesanais. As restantes espécies relacionam-se com a pastorícia, desempenhando papéis mais ou menos importantes na economia do sítio em âmbito sidérico. Por ordem de representatividade no sítio, os grandes bovinos são usados, entre outros aspectos, como alimento e força de trabalho. Os ovicaprinos são sacrificados de forma mais ou menos constante, não se detectando uma produção específica (de leite, carne ou lã) o que indica que todos os seus produtos seriam explorados e os suídeos destinavam-se à obtenção de carne (Valenzuela-Lamas e Fabião, 2012, p. 417-419).

A relevância destes dados, e particularmente daqueles relacionados com a presença da caça de cervídeos decorre do testemunho que trazem acerca da existência de um clima mais húmido e verde que o actualmente verificado.

Equacionando a temática que gira em torno da localização de muitos dos sítios da Idade do Ferro desta região, Mesas do Castelinho implanta-se em plena faixa piritosa mas não existem dados suficientes que demonstrem uma exploração primária de minérios no local ou nas suas imediações.

Por outro lado, apresenta facilidade no acesso a linhas de água e a vias de comunicação. As primeiras funcionavam como eixos de referência no desenvolvimento de caminhos que evitavam os fundos dos vales profundos e sinuosos e que promoviam as vias de circulação pelas linhas de fecho. A integração de Mesas do Castelinho no grupo dos chamados “povoados de ribeiro” (Berrocal-Rangel, 1992, p. 205) está intimamente relacionada com esta questão da implantação do sítio arqueológico junto a uma zona de vias naturais, num quadro melhor conhecido para a época romana, com a percepção de que os troços de calçadas romanas conhecidos para a região, a correr de Norte para Sul e de Este para Oeste prolongam ou aperfeiçoam os caminhos

anteriormente existentes. Nelas reside, aliás, a chave da explicação para o abandono do local algures nos inícios do século II d.C., quando é desconsiderado na rede viária implementada por esta altura, que desenha novos eixos de comunicação (Fabião e Guerra, 2010, p. 345; Guerra e Fabião, 2010, p. 485).

Terá sido o aproveitamento da proximidade a vias de comunicação dos mais importantes critérios para o estabelecimento humano no local, senão mesmo o factor principal. No actual estado dos nossos conhecimentos, sem argumentos que assinalem categoricamente uma implantação relacionada com as boas condições naturais permanece como o elemento mais forte. O elemento humano, ligado à construção de uma fortificação, implica outras explicações, de alguma forma relacionadas com esta suposta chave para a sua implantação, dentro de modelos explicativos que assentam numa relação de reciprocidade, com um povoado encastelado de alguma importância e que por razões ainda desconhecidas, promove a passagem de vias de comunicação nas suas imediações. Esta parece ser a hipótese mais razoável, se atendermos ao (pouco) que se conhece do povoamento sidérico da área em que se inscreve Mesas do Castelinho, tanto para os momentos iniciais como para os momentos finais da Idade do Ferro da região em apreço.

### **Os Níveis da Idade do Ferro de Mesas do Castelinho**

No âmbito do referido trabalho académico, foi possível delinear um faseamento tripartido da cronologia sidérica, iniciado nas duas plataformas em finais do século V a.C. e prolongado até à primeira metade do século seguinte (Fase III). Durante a segunda metade do século IV e até aos finais do século seguinte, os vestígios sidéricos estendem-se ainda pelas duas plataformas (Fase II), situação que se altera na ocupação sidérica mais recente, apenas presente na Plataforma B e, em particular no Sector B2, e datada do século II a.C.

A arquitectura da Fase III (finais do século V – primeira metade do século IV a.C.) dá a conhecer um perímetro amuralhado que se adequa ao relevo original em ambas as plataformas. Na Plataforma A, assiste-se à edificação de construções precárias,

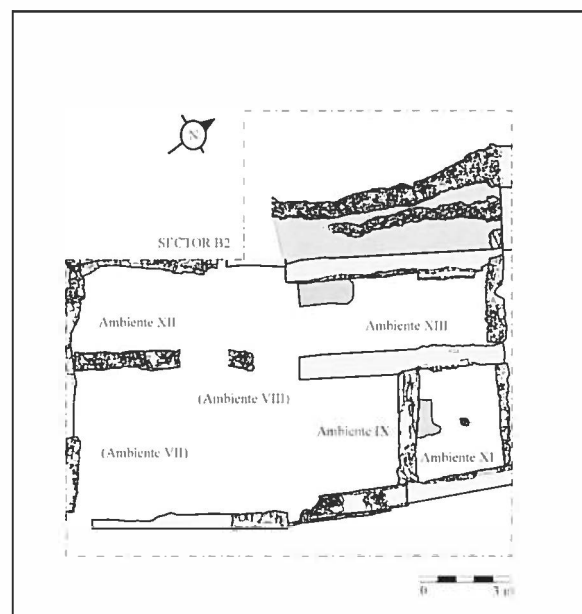
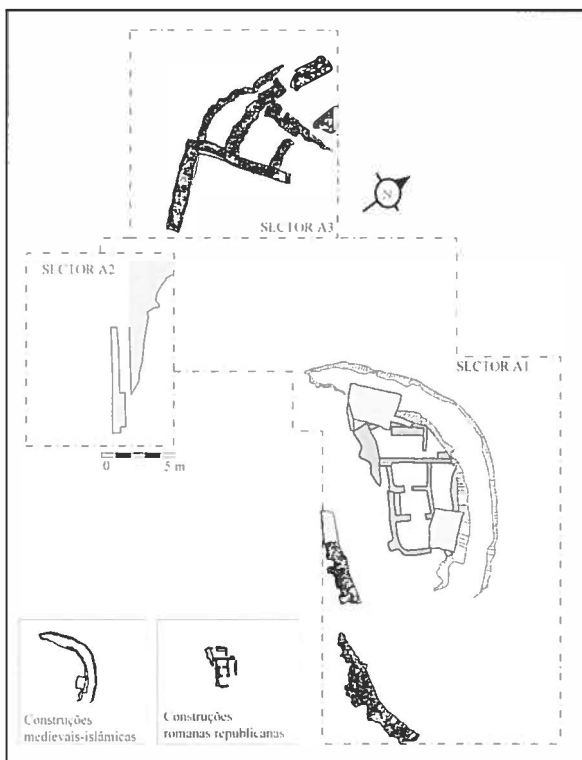


Fig. 2 Arquitectura da Fase III da Idade do Ferro de Mesas do Castelinho

sem muros ou paredes e com buracos de poste, empedrados e estruturas de combustão localizados numa área relativamente central (Sector A1). A muralha descreve um desenho radial, iniciado, aparentemente, ao mesmo tempo em distintos pontos do terreno (sectores A2 e A3) e construída em módulos justapostos em troços. Pelo lado exterior do talude, no Sector A2, é identificado o enchimento de um fosso escavado no xisto. A escavação do Sector A3 permitiu observar que entre as linhas de muralhas, o fortalecimento da estrutura pétreo se fez através de poderosos depósitos de terra. Na Plataforma B, a espessa fortificação é formada por dois panos de muralha que correm paralelos entre si e que são construídos com distintos módulos justapostos e preenchidos por espessos níveis argilosos. Ao mesmo tempo, são construídos os compartimentos pelo interior do povoado, apresentando plantas alongadas e com uma circulação que se desenvolve de Norte para Sul, paralela à muralha (V. fig.2).

O espólio desta fase mais antiga da ocupação sidérica de Mesas do Castelinho revela um acervo constituído maioritariamente por recipientes de armazenagem, presentes no momento prévio

à construção da fortificação da Plataforma A. Na plataforma inferior, o espólio apresenta o mesmo panorama, com cerâmica com matrizes impressas (V. fig. 3, nºs 16, 17 e 18), em grandes recipientes do Grupo I e em recipientes do Grupo II da seriação de Fabião (1998, vol. II, p. 79-107). A eles, e em ambas as plataformas, se somam as formas usadas na cozinha e à mesa, em peças produzidas local ou regionalmente (V. fig. 3, nºs 9 a 14) e em peças importadas de áreas litorais (V. fig. 3, nº 7). Nos contentores anfóricos, estão presentes as formas T-11.2.1.6. (V. fig. 3, nº 1), usadas no transporte de produtos marinhos e T-8.2.1.1. (V. fig. 3, nºs 2, 3 e 4), feitas para o transporte de preparados piscícolas, azeite ou vinho. Este último contentor tem uma representação muito marcada no povoado, para além de se tratar do conjunto mais numeroso nos sítios do interior, estando ainda presente, descontextualizado, nos níveis romanos republicanos (Filipe, 2010, p. 65). Na Plataforma A, os fragmentos de uma taça Cástulo (V. fig. 3, nº 5) e de um bojo com figuras vermelhas, da série Pintor de Viena 116 (V. fig. 3, nº 6) dão conta de recipientes importados associados ao consumo de vinho, relacionados com o *symposium* (Arruda,

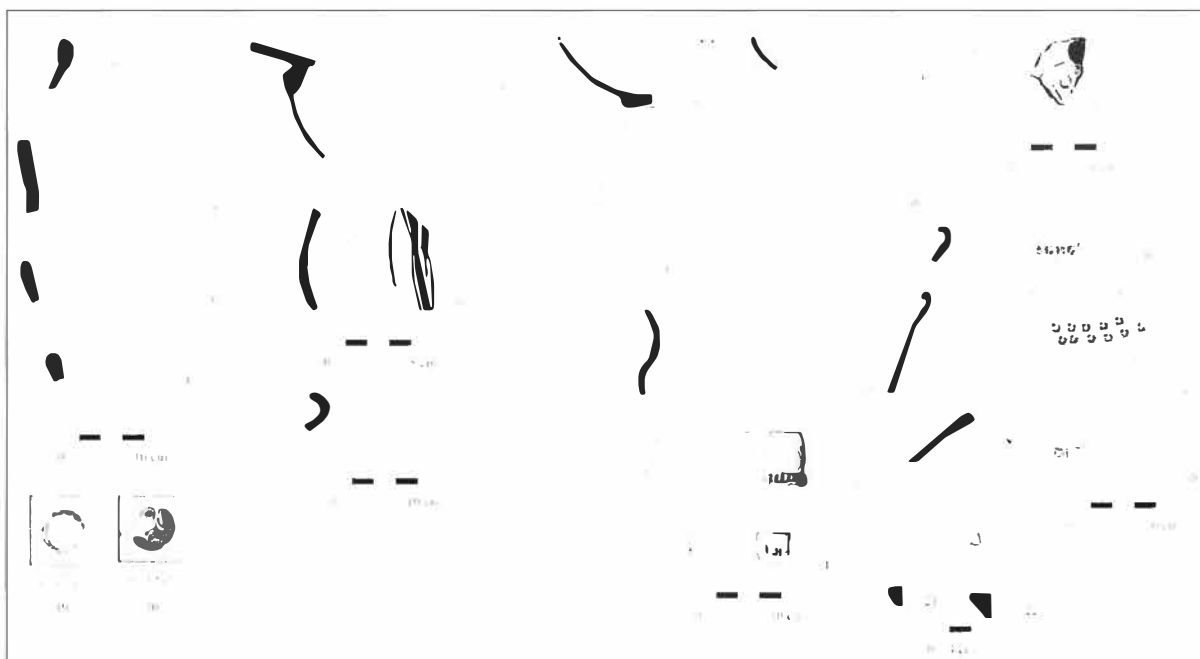


Fig. 3 Espólio da Fase III da Idade do Ferro de Mesas do Castelhinho

1997, p. 140).

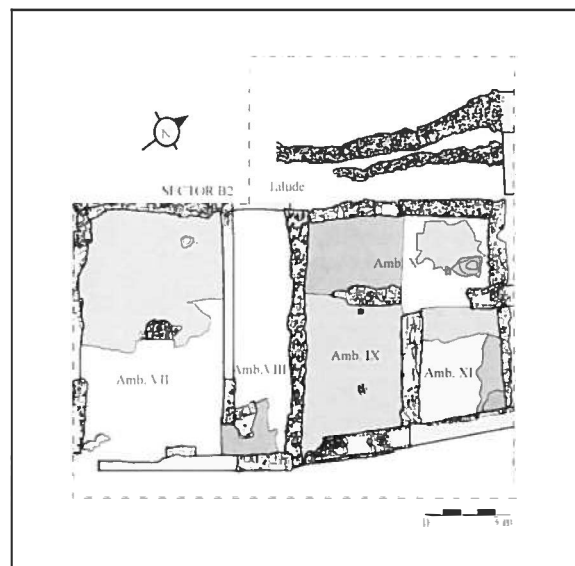
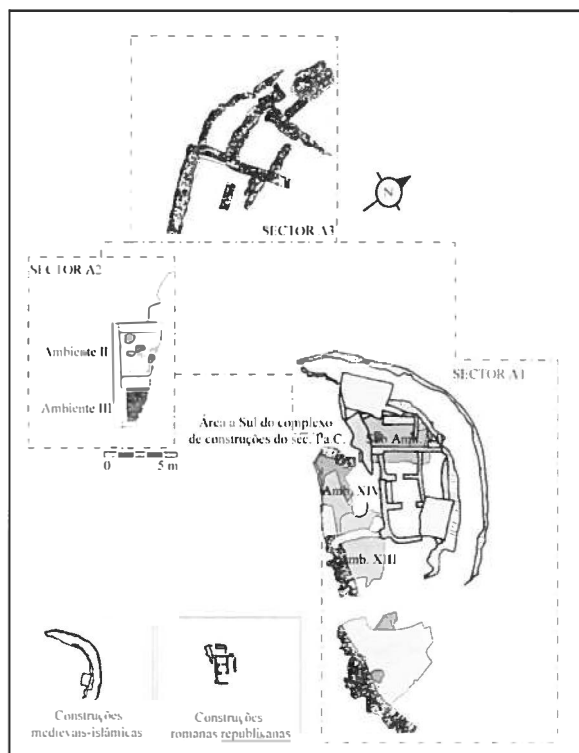
Nesta fase integram-se ainda um fragmento de um “queimador” (V. fig. 3, n.º 10), dois cossoiros (V. fig. 3, n.ºs 21 e 22), bitroncocónicos e de paredes rectas (tipo P3P1 da seriação de Berrocal-Rangel, 1994, p. 202-203 e 2003, p. 220-222) identificados no Sector B2 (plataforma inferior) e duas contas em vidro (V. fig. 3, n.ºs 19 e 20): uma do tipo 4-B-1 e outra do tipo 3-A da tipologia de Ruano Ruiz (2000), encontradas em ambas as plataformas do povoado.

A Fase II da ocupação sidélica de Mesas do Castelhinho (segunda metade do século IV – finais do século III a.C.) assiste, na Plataforma A, à compartimentação do espaço interior do povoado, com construções a apoiarem-se na fortificação, vocacionadas para a preparação e consumo de alimentos no Sector A1 e como áreas de trabalho relacionadas com a metalurgia, sempre de carácter doméstico, como evidenciam as forjas identificadas no Sector A2. Na Plataforma B, o Sector B2 revela a alteração na orientação da comunicação dos e para os compartimentos, que se multiplicam e assumem funções distintas, asseverando um dinamismo sem paralelos no povoado, com os compartimentos a disporem-se de Este para Oeste e com áreas de passagem visíveis entre si e deles para Este, para uma

área vazia de construções (V. fig. 4).

Porque esta fase integra a maior quantidade dos materiais arqueológicos, deter-nos-emos com maior pormenor sobre alguns aspectos da sua cultura material que consideramos relevantes para os conhecimentos sobre as formas de ocupação dos diferentes espaços do povoado sidélico.

O acervo é constituído, nos artigos importados desde a área da actual Andaluzia, pela continuidade na obtenção das ânforas T-8.2.1.1. (V. fig. 5, n.ºs 1 a 3) e pela introdução da forma T-8.1.1.2. (V. fig. 5, n.º 9) usada no transporte de produtos oleícolas. Ao povoado chegam ainda as taças em cerâmica do “tipo Kouass”, nas formas IX-A (V. fig. 5, n.º 5) (Lamboglia 24) e IX-B (Lamboglia 21) - V. fig. 5, n.ºs 6 e 7 - e algumas formas usadas na armazenagem (como os potes de diferentes dimensões - fig. 5, n.ºs 10 a 12). Outras peças usadas com estes fins e à mesa poderão ter origem em paragens mais próximas. Em termos morfológicos correspondem a potes de médias dimensões e a formas similares a “pratos de peixe” (V. fig. 5, n.ºs 13 a 16) porventura produzidas nas costas algarvias (em Castro Marim e em Faro). Outras, como uma tigela e um pote (V. fig. 5, n.ºs 17 e 18) poderão ter origem no interior baixo-alentejano, porventura em Beja.



**Fig. 4** Arquitectura da Fase II da Idade do Ferro de Mesas do Castelhinho

Integrada na cronologia que foi apurada para esta fase, destaca-se ainda a única peça completa de cerâmica ática identificada até ao momento em Mesas do Castelhinho. Trata-se de uma taça Lamboglia 24B (Arruda, 1997, p. 94) publicada originalmente em meados dos anos 50 do século passado (Viana *et al.*, 1956, p. 468, Est. I-4) e mais tarde por M. Delgado (1971, p. 406 e Est. I, 4) – V. fig. 5, nº 8. Outro exemplar desta categoria cerâmica, desta feita uma taça Cástulo (V. fig.5, 9), provém de um nível de derube desta fase, fora do seu contexto primário de utilização e da sua cronologia de produção.

Do lote das peças produzidas local ou regionalmente com origens tão ou mais enigmáticas que as atrás referidas, fazem parte formas usadas na cozinha, na armazenagem, à mesa ou na fição. Para os três primeiros casos, e ressalvando o facto de algumas peças poderem ter conhecido uma polivalência de utilizações (incluímos nestes casos o binómio pote/panela mas também as tigelas, os potes pequenos e mesmo os potinhos), observa-se que as mesmas formas podem conhecer fabricos torneados, a torno lento e manuais. Estão nestas condições as taças, as tigelas, as panelas de médias dimensões e os potes de grandes e médias dimen-

sões (V. fig. 6).

Outras formas, ao invés, parecem preferir os fabricos manuais, casos dos potinhos, dos pequenos potes e das panelas pequenas. Os primeiros poderão mesmo ser encarados como copos (V. fig. 6), utilizados à mesa, apresentando algumas vezes decorações incisas aplicadas sobre cordões plásticos (V. fig. 7, nº1). Os segundos, de maiores dimensões que os potinhos e semelhantes nas grandezas a recipientes identificados noutros sítios arqueológicos como copos (referimo-nos sobretudo aos recipientes assim designados no estudo de materiais do depósito secundário de Garvão) também apresentam decoração (V. fig. 7, nºs 2 a 8), com preferência para as incisões (verticais, oblíquas e associadas a mamilos, irregulares, ovais e dispostas obliquamente, em “vs” invertidos associados a pequenos mamilos), embora também surjam impressos (com ungulações ou com motivos ovais alongados). As panelas pequenas, também sempre manufacturadas, apresentam pequenos mamilos ou, mais frequentemente, cordões plásticos decorados com incisões oblíquas. Ao contrário do que se poderia supor, trata-se efectivamente de formas usadas para confeccionar alimentos, uma vez que apresentam sinais

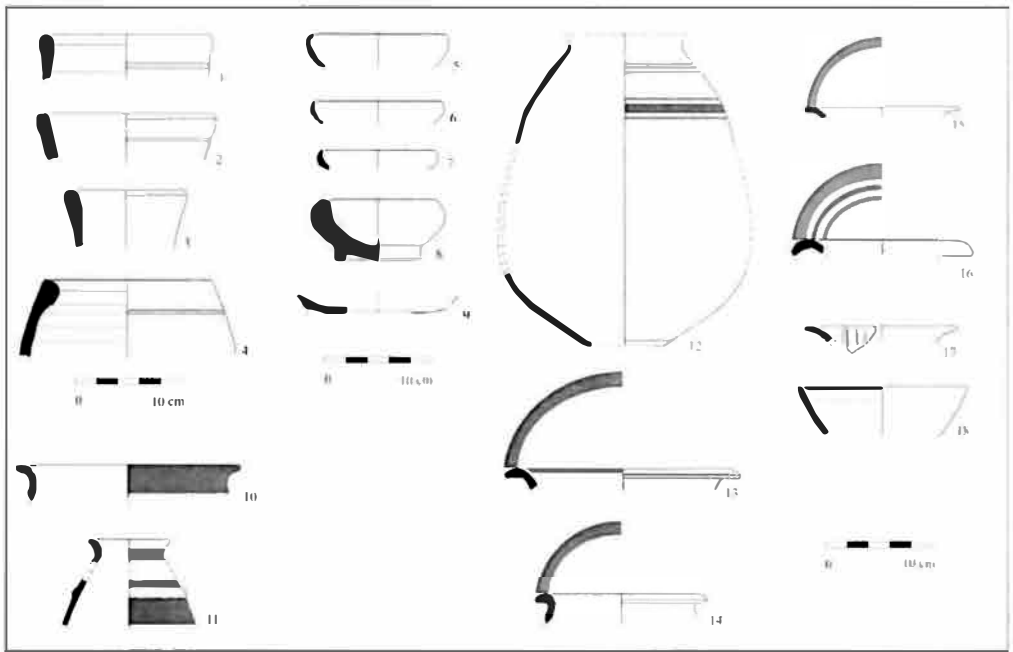


Fig. 5 Espólio da Fase II da Idade do Ferro de Mesas do Castelinho

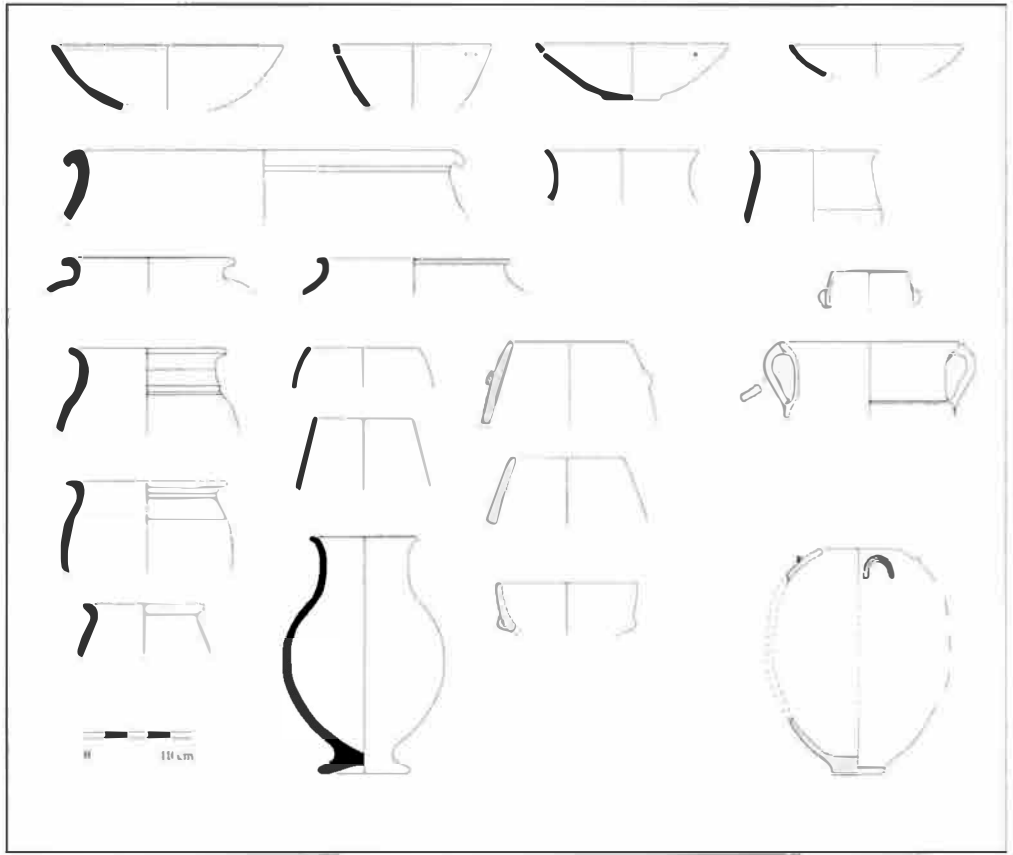
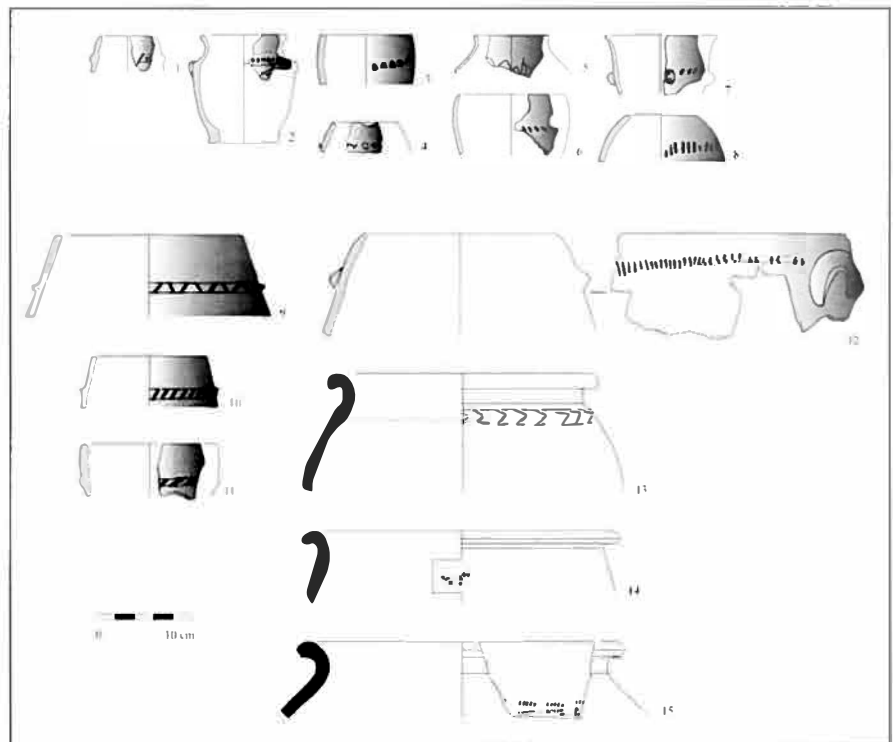


Fig. 6 Cerâmica ao torno, torno lento e manual, de produção local/regional, da Fase II da Idade do Ferro de Mesas do Castelinho



**Fig. 7** Cerâmica de produção local/regional, decorada, de fabrico manual e a torno lento, da Fase II da Idade do Ferro de Mesas do Castelinho

de fogo muito evidentes nas suas superfícies (V. fig. 6 e fig. 7, nº 10 e 11).

Para os potes de grandes dimensões, é de ressaltar a existência de exemplares manufacturados aos quais se encontra apenas uma asa cega ou em ferradura, a ausência de motivos e/ou técnicas decorativas nos elaborados ao torno (V. fig. 6) e a existência, naqueles elaborados ao torno lento, de matrizes impressas de grandes dimensões, inscritos no Grupo I da seriação de Fabião (1998, vol. II, p. 79-107). As asas cegas estão também presentes noutros sítios sidéricos mas em bacias e alguidares, como em Neves II, datados de entre o terceiro quartel e os finais do século V a.C. (Maia e Correa, 1985, p. 262-263) ou numa peça inscrita na Fase V de Castro Marim, balizada entre a segunda metade do século V e o século III a.C. (Oliveira, 2006, p. 111-112).

Nos potes de médias dimensões, as decorações resumem-se a cordões plásticos incisos nos exemplares manufacturados (V. fig. 7, nº 9 e 12) e à aplicação da técnica das matrizes impressas na extensa maioria dos exemplares torneados, inscritos no Grupo II da seriação de Fabião (V. fig. 8).

Refira-se, a propósito dos exemplares cerâmicos que apresentam matrizes impressas, que a extensa maioria deles se apresenta elaborada ao torno lento, técnica que mais do que propriamente correspondente a um fabrico, se tratará de um acabamento das superfícies, em fragmentos cerâmicos que não autorizam a identificação exacta das formas, podendo no entanto ser inseridos quer no grupo dos potes de maiores dimensões quer naqueles de tamanhos medianos, em qualquer dos casos sempre inscritos no Grupo I de Fabião, com matrizes quadrangulares (forma A), com motivos em eixo (A-I) radiais (A-II) ou reticulados (A-III) (V. fig. 7, nº 15 e fig. 8), com matrizes circulares (forma B) com motivos radiais (B-II), reticulados (B-III) ou concêntricos (B-IV) – V. fig. 7, nº 14 e fig. 8) e com matrizes de formas triangulares e motivos reticulados (C-III), de acordo com a tipologia de Ruiz Rodriguez e Nocete Calvo (1981). As preferências vão para as matrizes circulares radiais (B-II), seguidas, equitativamente, pelas matrizes quadrangulares em eixo, radiais (A-I e A-II), circulares reticuladas e concêntricas (B-III e B-IV). Menos frequentes são as matrizes quadradas

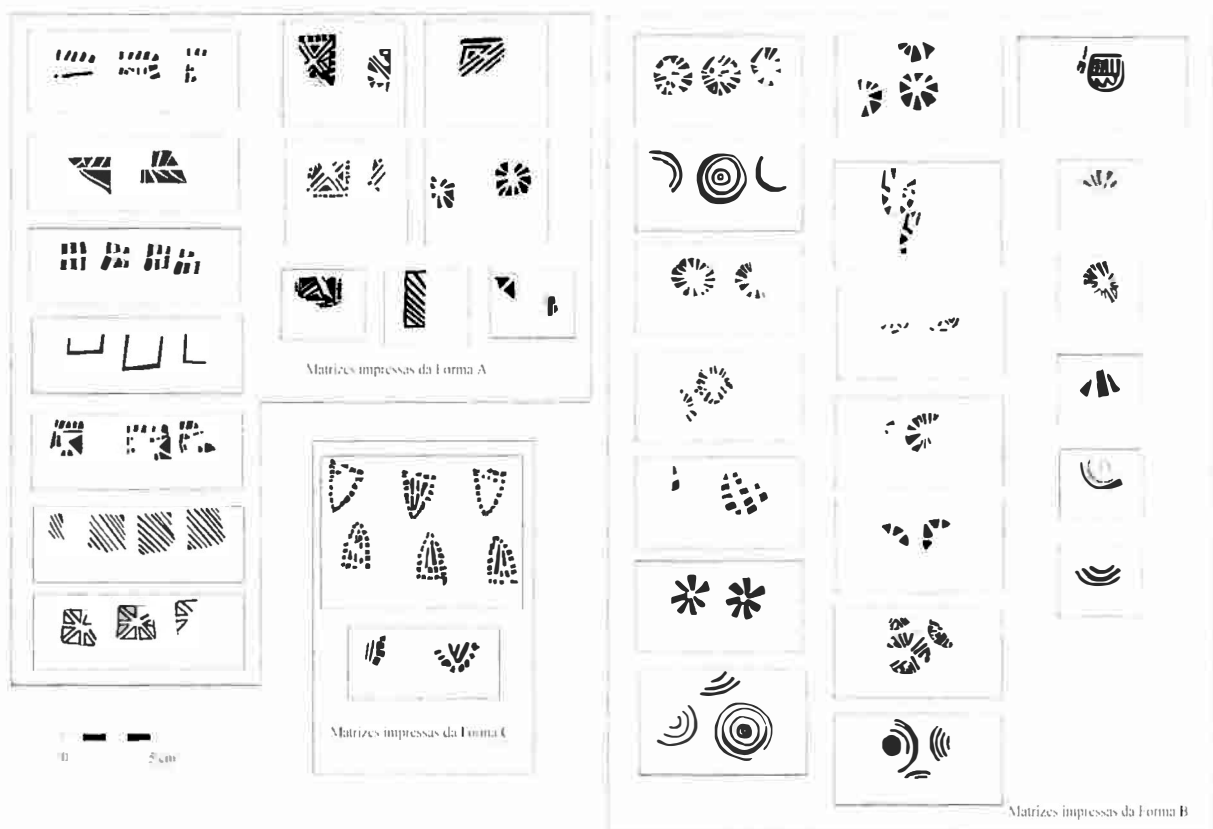


Fig. 8 Formas e motivos das matrizes impressas da Fase II da Idade do Ferro de Mesas do Castelinho

e triangulares reticuladas (A-III e C-III) – V. fig. 8. Estes dados apontam no sentido da existência de uma relativa pobreza ao nível da diversidade dos motivos impressos, muito repetidos. Esta observação coloca questões sobre eventuais áreas de produção e origem dos motivos impressos, em fragmentos que na maior parte das vezes não fornecem pistas quanto às formas dos recipientes. Perante este actual estado dos conhecimentos, o emudecimento é, por ora, a resposta possível a esta e a outras questões relacionadas com esta produção cerâmica.

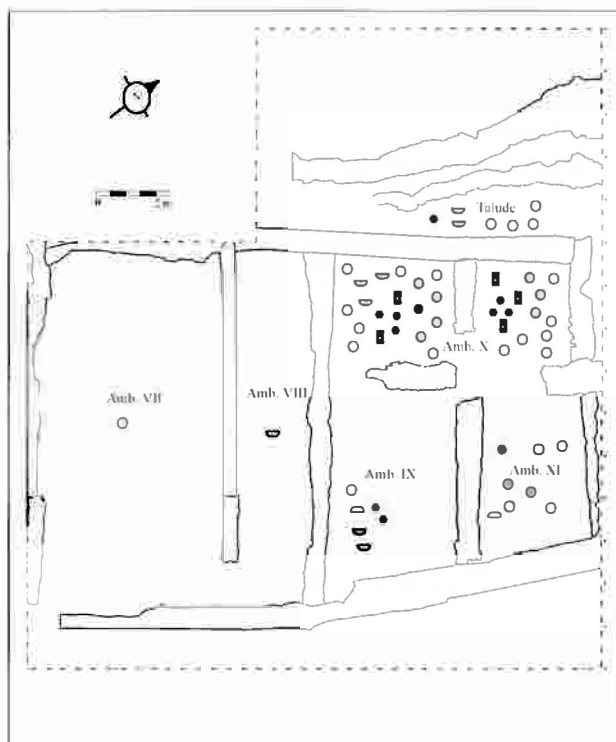
Este ensurdecido silêncio é, por enquanto quebrado apenas por um dado que consideramos da maior importância, aquele que revela que as peças de Mesas do Castelinho que ostentam esta técnica e sobre as quais foi possível conhecer as formas, se encontram, inegavelmente, desde os primeiros tempos da ocupação do povoado sidérico, assegurando uma antiguidade que pode ser reportada até aos finais do século V a.C. para uma inovação cerâmica que noutros pontos peninsulares, mais in-

teriores e setentrionais que o povoado baixo-alentejano em apreciação se atesta um pouco mais tarde, ao contrário das caducas teses que defendiam a sua introdução com a chegada de populações ditas continentais, inauguradoras da designada II Idade do Ferro. Outras leituras em torno desta produção cerâmica são adiante expostas.

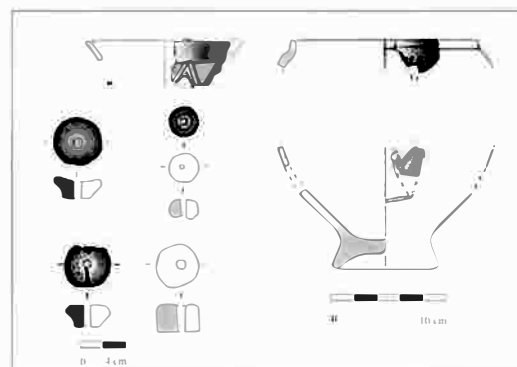
No Sector B2, a associação, em alguns momentos de utilização bem delineados, de determinadas peças cerâmicas configura uma série de funcionalidades para os diferentes compartimentos.

O Ambiente X, a Norte, dá a conhecer uma associação entre cossoiros e “queimadores”, que pode ser entendida como reflexo de actividades domésticas de fição. Os “queimadores” poderiam ter funcionado como elementos de preparação da coloração das fibras têxteis retiradas do trabalho de fição, ou quem sabe, como incensórios que afastavam os maus odores libertados pelas fibras têxteis de origem animal antes de serem fiadas (V. fig. 9).

Nos compartimentos localizados a Este (ambien-



- |  |                                  |
|--|----------------------------------|
| ● (0-100g)                             | ○ cerâmica comum de armazenagem  |
| ■ "armazenagem"                        | ◐ cerâmica comum para consumo    |
| ● ânfora                               | ○ cerâmica comum para construção |
| ■ peça metálica (com ou sem decoração) | ◐ cerâmica de "queimadores"      |
| ■ cerâmica lisa                        |                                  |



**Fig. 9** Localização do espólio de determinado momento de utilização da Fase II da Idade do Ferro do Sector B2 de Mesas do Castelinho, com destaque para a associação de cossoiros e "queimadores" do Ambiente X

tes IX e XI), a presença de potes e de ânforas configuram espaços de armazenagem. Os recipientes usados no consumo e no serviço de mesa parecem encontrar-se guardados mas não descartamos o uso destes espaços enquanto cozinhas, dada a sua associação a áreas de fogo. Daqui resulta uma multifuncionalidade bastante interessante, sobretudo quando comparada com a quase inexistência de elementos clarificadores do uso dos ambientes VII e VIII, localizados mais a Sul nesta área de escavação. O último citado parece funcionar como espaço de passagem, permitindo a comunicação de Norte para Sul mas apenas com o Ambiente VII. Já este extenso compartimento, com pouco acervo material (ainda assim marcado pela presença de elementos usados no armazenamento e no consumo de alimentos) corresponderá a um espaço de trabalho, de algum modo relacionado com o forno que nele se identificou, aberto para Este, para uma área vazia de construções (V. fig. 9).

A Fase I (século II a.C.) apenas se observa na plataforma inferior, no Sector B2. Em termos arquitet-

tónicos, mantém-se a organização interna da fase anterior, embora se notem algumas novidades. Sobre o forno do Ambiente VII é construída uma estrutura vertical que separa internamente este espaço, agora utilizado enquanto espaço de consumo de alimentos, de acordo com a presença de tigelas num piso identificado a Oeste da referida parede. Para Este, o vazio de espólio arqueológico poderá significar a presença de um alpendre, área de ligação com o interior da plataforma inferior, onde permanecem as ausências de construções. O Ambiente VIII conhece uma abertura para Este continuando a manter a ligação com o Ambiente VII. Num dos momentos de utilização mais recentes deste compartimento, assiste-se à associação de uma fibula anular hispânica a duas contas – uma em vidro e outra cilíndrica numa matéria-prima lítica que não se conseguiu apurar, amortizadas numa estrutura de combustão localizada junto do degrau que permite a ligação com o espaço vazio de construções, a Este.

Entre os ambientes IX e XI é criada uma área

de passagem. Este último compartimento ganha definitivamente uma função de despensa, dada a substancial quantidade de cerâmica quebrada em conexão no momento final da sua utilização, com destaque para uma larga percentagem de potes, alguns deles com matrizes impressas. O Ambiente IX é usado enquanto cozinha, com lareira central e outras duas áreas de fogo sobrepostas junto do seu limite Sul.

A Oeste, o Ambiente X perde a categoria de espaço de fiação e configura-se mais e melhor como cozinha, com a presença de uma lareira no seu canto Noroeste e quatro buracos de poste que parecem ter servido como separação desta área de fogo de três poiais/bancos orientados de Norte para Sul.

Nesta fase, a muralha surge mais como uma infra-estrutura antiga que apoia as construções dos espaços internos do que propriamente como uma verdadeira linha de defesa. A estratigrafia demonstra a altimetria superior dos últimos momentos de ocupação sidérica dos espaços internos, relativamente à área do Talude. Os dados arqueológicos do período imediatamente seguinte demonstram não só a plena continuidade deste povoado como a ausência total do amuralhado (V. fig. 10).

O espólio desta fase denota a continuidade da aquisição dos artigos importados, sinónimo de uma população sem sinais de conflituosidade ou crise. Ao mesmo tempo, assiste à manutenção das tradições da decoração das peças elaboradas manualmente.

Daremos aqui destaque aos elementos inovadores. No Ambiente X foi possível recolher um fragmento de uma forma evolucionada de uma ânfora T-8.2.1.1. Na cerâmica com matrizes impressas, a principal novidade reside na presença de um fragmento que se integra no Grupo IV de Fabião (com técnica mista, que relaciona a “estampilha” com a pintura e que corresponderá a um recipiente importado), que se associa, no Ambiente XI, a fragmentos do Grupo I e que é coevo de fragmentos de outros recipientes “estampilhados” do Grupo II, identificados no Ambiente IX, localizado imediatamente a Sul (V. fig. 10).

### **Propostas do Presente e Questões para o Futuro**

Apresentados os principais elementos definidores da ocupação sidérica de Mesas do Castelinho, os traços gerais daquilo que hoje se conhece sobre o povoado baixo-alentejano podem ser assim delimitados.

As linhas de muralhas que contornam o povoado funcionam como um ponto de referência na paisagem, mais do que um local inexpugnável. O local apresenta-se como um “povoado cego” que faz desenvolver as suas construções e actividades do quotidiano na área interior, com espaços de trabalho, de armazenagem, de confecção e consumo de alimentos mais ou menos, melhor ou pior definidos. Em suma, um sítio que pode ser encarado como uma aldeia fortificada, mas sem sinais de conflituosidade.

Permanecem, todavia, questões por descortinar, relacionadas com os acessos do e para o povoado, a localização dos espaços públicos (incluindo os relacionados com os usos funerários) desta aldeia amuralhada, a cronologia dilatada da Fase II da sua ocupação.

Alargando os horizontes e inserindo Mesas do Castelinho no panorama da Idade do Ferro do Baixo Alentejo, podem ser expostas as seguintes temáticas, mais ou menos questionadas e questionáveis.

Sobre a discutida dicotomia entre o povoamento concentrado – de que Mesas do Castelinho seria um bom exemplo das formas de povoamento da segunda metade do I milénio a.C., e o povoamento disperso da planície, este povoado fortificado atesta uma cronologia fundacional marginalmente coeva dos sítios de Neves-Corvo e de Fernão Vaz. Por outras palavras, quando se assiste à fundação de Mesas do Castelinho, os pequenos sítios de planície estão perto do seu fim de vida, com matizes ainda hoje em dia muito discutidas no que respeita às suas tipologias e funcionalidades. A presença de taças Cástulo em todos estes sítios é um elemento essencial nesta questão da cronologia parcialmente coetânea destes locais.

Acerca da dinâmica da localização dos sítios rurais e dos sítios urbanos, Mesas do Castelinho responde no sentido de poder ser encarado como

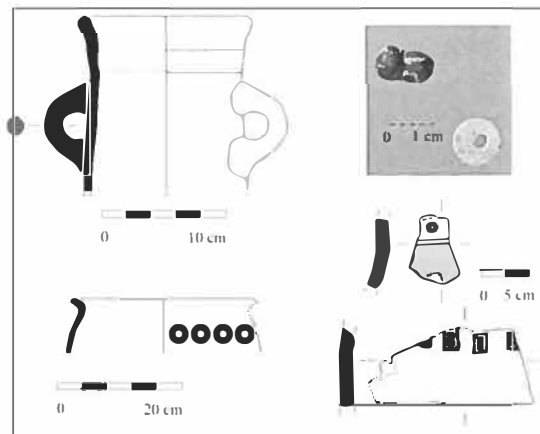
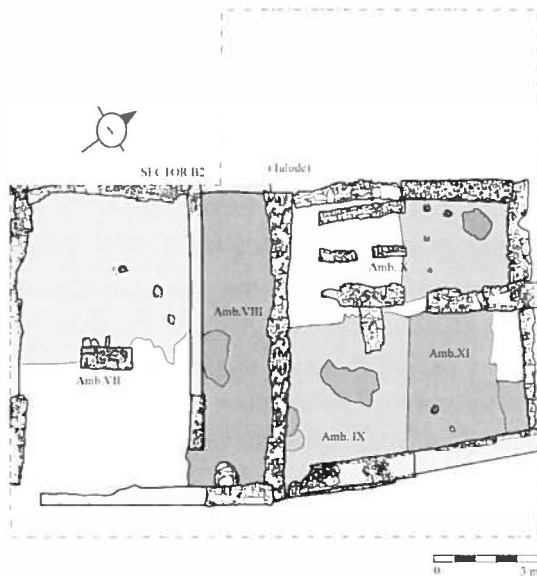


Fig. 10 Arquitectura e parte do espólio da Fase I da Idade do Ferro de Mesas do Castelhinho

um núcleo rural de dimensões razoáveis, localizado numa fronteira. Os sítios da planície apresentam um cenário binário, com aqueles de dimensões mais modestas (como Fernão Vaz os sítios de Neves-Corvo) a contrastarem com núcleos mais centralizados, como apontam os dados da Rua do Sembrano, em Beja (Grilo, 2007, p. 266). Por outro lado, Mértola dá conta da presença de um povoamento num centro urbano fortificado localizado numa escarpa fluvial (Berrocal-Rangel, 1992, p. 205), aparentemente construído em fases distintas (Barros, 2008, p. 403).

Sobre a questão da relação entre a fortificação e o comércio de artigos locais/regionais e de artigos importados, parece-nos claro que, para o caso de Mesas do Castelhinho, as duas realidades se fundem mas não se confundem, isto é, existe uma reciprocidade entre a construção de um perímetro amuralhado, reflectido num povoado que se estabelece numa encruzilhada de comunicação natural. Ao povoado chegam, por via indirecta e de modo escasso, os artigos importados. Ao invés, o local poderá ter tido alguma relevância na distribuição da cerâmica local ou regionalmente produzida.

Pensando nos outros núcleos urbanos fortificados acima apontados, é inegável a importância de Mértola como entreposto comercial, implantada à beira do Guadiana e num ponto do rio que per-

mite a redistribuição pelo interior dos artigos que chegam desde as costas algarvias. Já os dados de Beja são mais enigmáticos a este respeito, apesar da centralidade apontada por alguns investigadores para o seu planalto, verdadeiro enclave central (Berrocal-Rangel, 1992, p. 239) de um território com enorme potencial agrícola (Grilo, 2007, p. 266).

Já a temática sobre as frequências da cerâmica manual é um elemento a ter em conta no momento de caracterizar funcional e cronologicamente os sítios.

A extensa maioria dos recipientes cerâmicos de Mesas do Castelhinho, em qualquer das suas fases da ocupação sidérica pertence, como é fácil de entender num sítio do interior, a recipientes produzidos local e regionalmente. Os dados reflectem uma larga percentagem da cerâmica elaborada ao torno (76%), que inclui não só as formas importadas como as formas produzidas local ou regionalmente.

As quantidades da cerâmica manual, por seu lado, são sempre menores (24%) e decrescentes ao longo do tempo, situação patente não só neste sítio como noutros, interiores ou litorais, da segunda metade do I milénio a.C.

Pensamos que, entre sítios com as mesmas cronologias, as diferenças nas percentagens deste fabrico cerâmico deverão ser, também elas, expres-

sivas de algum tipo de distinção a nível funcional. É nas funcionalidades dos sítios, mais do que nas suas cronologias ou nas suas posições geográficas que deverão ser entendidas as presenças desta produção cerâmica e proceder à sua valoração.

Os dados de Mesas do Castelinho (todos, não só os da cerâmica manual, mas, de certo modo, também ela e as suas frequências) apontam para a existência de um aglomerado populacional de dimensões consideráveis, urbano também ele na verdadeira denominação do termo mas com características rurais (com a exploração de produtos decorrentes da pecuária, por exemplo) que o aproximam daquilo que designaríamos como aldeia.

O tema da cronologia das cerâmicas com matrizes impressas apresenta actualmente um cenário que, apesar dos constrangimentos sobre os contextos deste tipo de cerâmica em muitos dos sítios, se pode caracterizar como definido pela existência de determinados Grupos (que têm intrínseco o valor cronológico) em determinadas regiões. O mesmo grau de determinismo pode estar reflectido nas diversidades observadas nos motivos (mais do que nas formas) das “estampilhas”. Distintas gramáticas deverão ter peso cronológico, evidenciando diferenças e tendências na preferência por determinadas matrizes. Os contextos estratigráficos de Mesas do Castelinho são, a este respeito, omissos. No entanto, provam que as matrizes impressas do Grupo I são mais antigas que noutros pontos peninsulares, intuindo, porventura, uma origem para determinado tipo de matriz impressa. Por outras palavras, a relativa falta de diversidade dos motivos que são “estampilhados” nos recipientes cerâmicos, muitas vezes repetidos, trazem à discussão eventuais “imitações” de matrizes impressas, originalmente provenientes de uma área específica, mais ou menos rapidamente disseminadas e/ou produzidas noutros locais e por outras comunidades.

Já debatido e observado noutros estudos sobre este tema, quando é possível fazer associar as matrizes impressas aos grandes contentores de armazenamento, é difícil não ver esta categoria cerâmica como uma das mais simbólicas manifestações da presença de pequenos grupos humanos que gerem territórios autónomos e pouco vastos e que pro-

nunciam a sua isonomia através dos motivos das matrizes que imprimem em recipientes com grande capacidade de armazenamento (Fabião, 1998, vol. II, p. 178).

Acrescentando mais algumas linhas de pensamento a este tema, se podemos facilmente observar que os contentores cerâmicos não se distribuem propriamente e fisicamente nem mesmo em locais geograficamente próximos entre si, já os mesmos motivos impressos, repetidos em cada sítio e em muitos sítios, poderão ser o reflexo da presença de uma marca identificadora dos produtos armazenados nos recipientes cerâmicos produzidos em cada sítio e/ou, simplesmente, da difusão da própria técnica e daquilo que ela implica, uma mera matriz, objecto fácil e rapidamente expedido.

Independentemente destes e de outros temas por discutir, de enigmas mais ou menos desvendados, Mesas do Castelinho prova a sua relevância para os conhecimentos sobre a Idade do Ferro de uma região com um manancial de informação cujo potencial permanece ainda teimosa e infelizmente arredado de estudos sistemáticos aprofundados sobre tantos e diversificados aspectos.

Vontade de alterar este panorama não faltará a alguma da comunidade científica, apesar dos tempos actuais que se revelam difíceis na obtenção de meios e formas de desfazer a situação. A perseverança, no entanto, é o melhor aliado e o instrumento mais hábil para a mudança deste cenário.

## Bibliografia

- ARNAUD, José Morais e GAMITO, Teresa Júdice (1974-1977) – Cerâmicas estampilhadas da Idade do Ferro do Sul de Portugal. I – Cabeça de Vaíamonte – Monforte. *O Arqueólogo Português*. Série III. 7-9, p. 165-202.
- ARRUDA, Ana Margarida (1997) – *As Cerâmicas Aticas do Castelo de Castro Marim no Quadro das Exportações Gregas para a Península Ibérica. Seguido por O Corço, a Kilix e Dyonisos (uma breve nota sobre cerâmica e símbolos)*. *Arqueologia e História Antiga* 2. Lisboa: Edições Colibri.
- BARROS, Pedro (2008) – Mértola durante os séculos VI e V a.C. In JIMÉNEZ ÁVILA, J. (ed.), *Sidereum Ana I. El rio Guadiana en época post-orientalizante. Anejos de Archivo Español de Arqueología XLVI*. Mérida: CSIC. P. 399-414.
- BEIRÃO, Caetano de Mello; SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina; GOMES, Mário Varela e GOMES, Rosa Varela (1985) – Depósito votivo da II Idade do Ferro de Garvão. Notícia da primeira campanha de escavações. *O Arqueólogo Português*. Série IV. 3, p. 45-136.
- BERROCAL-RANGEL, Luis (1992) - *Los Pueblos Célticos de la Península Ibérica*. Complutum Extra. 2, Madrid: Universidad Complutense de Madrid.
- BERROCAL-RANGEL, Luis (1994) – *El Altar Prerromano de Castrejón de Capote. Ensayo Etno-arqueológico de un Ritual Céltico en el Suroeste Peninsular*. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid.
- BERROCAL-RANGEL, Luis (2003) – El instrumental textil en *Cancho Roano: consideraciones sobre sus fusayolas, pesas y telares*. In CELESTINO PÉREZ, Sebastián (Ed. Científico.) – *Cancho Roano VIII. Los Materiales Arqueológicos I*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida/CSIC/Junta de Extremadura. P. 213-297.
- DELGADO, Manuela (1971) – Cerâmica Campaniense em Portugal. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*. Coimbra, 1970. Coimbra: Ministério da Educação Nacional/Junta Nacional de Educação. P. 403-420.
- ESTRELA, Susana (2010) – *Os Níveis Fundacionais da Idade do Ferro de Mesas do Castelinho (Almodôvar). Os Contextos Arqueológicos na (Re) Construção do Povoado*. Dissertação de Mestrado orientada pelo Professor Doutor Carlos Fabião. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa. [disponível universalmente no Repositório da Universidade de Lisboa, em <http://hdl.handle.net/10451/3009>]
- FABIÃO, Carlos (1998) – *O Mundo Indígena e a sua Romanização na Área Céltica do Território hoje Português*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 3 Vols. [policopiado].
- FABIÃO, Carlos e GUERRA, Amílcar (2008) – Mesas do Castelinho (Almodôvar): um projecto com vinte anos. *Al-Madan*. II Série, nº 16, p. 92-105.
- FABIÃO, Carlos e GUERRA, Amílcar (2010) – Mesas do Castelinho (Almodôvar): a case of a failed Roman town in southern Lusitania. In CORSI, Cristina e VERMEULEN, Frank (eds.), *Changing Landscapes. The Impact of Roman Towns in the Western Mediterranean. Proceedings of the International Colloquium, Castelo de Vide – Marvão, 15th-17th May 2008*. Bologna: Ante Quem. P. 325-346.
- FERREIRA, Carlos Jorge (1992) – Escavações no povoado fortificado das Mesas do Castelinho (Almodôvar). Relatório preliminar. *Vipasca. Arqueologia e História*. Aljustrel: Unidade Arqueológica de Aljustrel/ Câmara Municipal de Aljustrel. 1, p. 19-37.
- FERREIRA, Carlos Jorge (1994) – Mesas do Castelinho. *Informação Arqueológica*. Lisboa: IPPAR. P. 99-101.
- FILIFE, Victor (2010) – As ânforas de tradição pré-romana de Mesas do Castelinho (Almodôvar). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico. Volume 13, p. 57-88.
- GRILO, Carolina (2007) – A Rua do Sembrano e a ocupação pré-romana de Beja. *Vispasca. Arqueologia e História*. Aljustrel: Câmara Municipal de Aljustrel. II Série, 2, p. 261-268.
- GUERRA, Amílcar e FABIÃO, Carlos (2010) – Mesas do Castelinho (Almodôvar): um exemplo de urbanismo falhado no sul da Lusitânia. In GORGES, Jean Gérard e NOGALES BASARRATE, Trinidad (eds.), *VII Table Ronde Internationale sur la Lusitanie Romaine. Naissance de Lusitanie Romaine (Ier av. – Ier ap. J. C.)*. Toulouse, 8-9 novembre 2007. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano de Mérida P. 459-488.
- MAIA, Maria Garcia Pereira e CORREA, José A. (1985) – Inscripción en escritura tartesia (o del SO.) hallada en Neves (Castro Verde, Baixo Alentejo) y su contexto arqueológico. *Habis*. Sevilha. 16, p. 243-264.
- OLIVEIRA, Carlos de (2006) – *A Cerâmica Manual do Castelo de Castro Marim (século IX a III a.n.e.)*. Dissertação de Mestrado em Pré-história e Arqueologia. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 Vols. [policopiado].
- RUANO RUIZ, Encarnación (2000), *Las Cuentas de Vidrio Halladas en España desde la Edad del Bronce hasta el Mundo Romano*. Madrid: s.l.
- RUIZ RODRIGUEZ, Arturo e NOCETE CALVO, Francisco (1981) – Un modelo sincrónico para el análisis de la producción de cerámica ibérica estampillada del Alto Guadalquivir. *Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada*. Granada: Universidad de Granada. 6, 355-383.
- VALENZUELA-LAMAS, Sílvia e FABIÃO, Carlos (2012) – Ciervos, ovejas y vacas: el registro faunístico de Mesas do Castelinho (Almodôvar) entre la Edad del Hierro y Época Romana. *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste. Almodôvar, 18 a 20 de Novembro de 2010*. Almodôvar: Câmara Municipal de Almodôvar. P. 413-432.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1933) - Excursão pelo Baixo Alentejo. *O Archeólogo Português*. 1ª série. 29 (1930-1931). P. 230-246.
- VIANA, Abel; FERREIRA, Octávio da Veiga e SERRALHEIRO, Pe. António (1956) – Apontamentos arqueológicos dos concelhos de Aljustrel e Almodôvar. *Actas do XXIII Congresso Luso-Espanhol da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências*. Coimbra, 1956, 7ª Secção Ciências Históricas e Filológicas. Coimbra. VIII, p. 461-470.